

O "FAUSTO" DE GOETHE EM PORTUGAL

Como o «Hamlet», de Shakespeare, a «Divina Comédia» de Dante, ou como os «Lusíadas» de Camões, o «Fausto» de Goethe é uma



GOETHE

das» de Camões, o «Fausto» de Goethe é uma dessas obras primas que longe de constituírem apenas a gloria de um povo, são ao mesmo tempo o orgulho do Espirito Humano. Elas não se contam, pois, aos milhares, nem aos centos, como os livros que caem aos montões nos mercados de todo o mundo e que não duram mais que o espaço de uma manhã, como as rosas de Malherbe.

A tragédia de Goethe compõe-se de duas partes, uma completando a outra, qual delas mais sublime: é o primeiro Fausto e o segundo Fausto, que ambos foram do original traduzidos para português, mais ou menos fielmente, por Agostinho de Ornelas, respectivamente, em 1869 e 1873. A primeira parte do «Fausto» foi também traduzida pelo grande Castilho, não com perfeita exactidão, mas incontestavelmente com grande primôr literario. E' da versão parafrastica do cego sublime, como Vitor Hugo chamou a Castilho, que transcrevo para aqui a *Canção do Rato*, a qual na versão tem mais graça do que no original. Podem dizer *traduttore traditore*, mas por isso mesmo Castilho soube imprimir uma nota cômica a essa canção, que não ha no original e que o proprio Goethe não engeitaria. Ei-la:

Canção do Rato

Era uma vez um ratinho,
que linha feito o seu ninho
numa dispensa Real.
A dispensa era tamanha,
que em mar de manteiga e banha
nadava o nosso animal.

Roe, roe, roe. Não tem parança.
Engorda; cresce-lhe a pança,
de um modo descomunal.
Nem o pai do nosso clero,
O grande doutor Lutero,
se gabou de pança tal.

Cosinheira, que anda á espreita,
descobre-o, e trega-lhe ageita
bom pitêu arsenical.
Apesar de andar sem fome,
o bichinho prova... come...
Comeu tudo; achou-se mal.



Antonio Feliciano de Castilho

São pinchos; são guinchos
co'a dôr interior,
que todos diriam
que dentro lhe ardiam
garrochas de amor.

CORO

Sim: dentro lhe ardiam
garrochas de amor.

Corria de cabo a cabo;
dava dentadas no rabo;
fugia para o quintal;
mordia; arranhava; a frágua
era tal, que á mingua d'agua
bebia num lodaçal.

Contemprar tanta agonia,
em lagrimas desfaria
Corações de pedernal.
Vêr passar este inocente,
de uma vida tão contente
para um suplicio infernal.

Nem chial Arqueja deitado!
Sente que o termo é chegado.
da sua vida mortal.
Molestias destas e amores,
não as entendem doutores
nem se curam no hospital.

São pinchos; são guinchos
co'a dôr interior,
que todos diriam
que dentro lhe ardiam
garrochas de amor.

CORO

Sim; dentro lhe ardiam
garrochas de amor.
Sem lhe importar com ser dia,
no exaspêro da agonia
corações de pedernal.

e espumando a atroz peçonha,
na amada manteiga sonha,
e bufa o sopro final.

Foi seu funebre elogio
rir-lhe sobre o corpo frio
a cosinheira brutal:
— «Adeus, rei dos roedores!
Também quem morre de amores
padece martirio igual».

Que sorte! Que morte!
Senhor, por favor,
livrai-nos de asneiras
de más cosinheiras,
bem como de amor!

CORO

Livrai-nos, Senhor,
Livrai-nos de amor!

Lindo! Lindo! Se o leitor tiver lido a *Canção do rato* em alemão, há-de, sem duvida, achar esta tradução de Castilho mais graciosa e interessante que o proprio original.

Agora para rematar. Temos aí uma magnifica letra da *Canção do rato*; falta-lhe, porém, a musica. Algum dos nossos grandes maestros, como os srs. Viana da Mota, Lacerda, Rui Coelho, podia ligar o seu nome á *Canção*. E a fama lirica de Castilho, que apreciava muito a musica, ficaria em um belo consorcio.

CHICO PIRES